

**REFLEXÕES SOBRE CLARICE LISPECTOR  
E “A PAIXÃO SEGUNDO G.H.”**

*Haleks Marques Silva* (FACDO)

[halekshms@hotmail.com](mailto:halekshms@hotmail.com)

*Heliamar Marques Rosa Brit* (UFT)

[elirosa190@gmail.com](mailto:elirosa190@gmail.com)

*Daniel Cervantes Angulo Vilarinho* (UFT)

[advcervantes@hotmail.com](mailto:advcervantes@hotmail.com)

*Walace Rodrigues* (UFT)

[walace@uft.edu.br](mailto:walace@uft.edu.br)

**RESUMO**

Este artigo nasce a partir de nossa pesquisa sobre Clarice Lispector e sua obra “A paixão segundo G.H.” e objetiva analisar os seus principais elementos e a presença constante do seu indizível silêncio. Neste sentido, o silêncio da linguagem empregada no livro “A paixão segundo G.H.”, como característica de uma busca de compreensão mística do inexprimível, dá a entender sobre a limitação da própria linguagem, ou seja, uma linguagem que esforça para dar conta de uma experiência que lhe escapa, a princípio, do próprio sentido. Sendo assim, acreditamos que a abordagem de “A paixão segundo G. H.” se dá pela via da hermenêutica fenomenológica, ou seja, exercitando a escuta do sentido da obra a partir dela mesma, buscando desvelar o que irrompe no ser de Clarice Lispector. A metodologia utilizada foi uma análise por meio de pesquisa teórica de cunho bibliográfica, executada através de análises de artigos, revistas e em livros e sites especializados no assunto. Os resultados mostram que Clarice Lispector consegue colocar, através da linguagem literária, questões que têm um alcance ontológico para a existência humana.

**Palavras-chave:**

Clarice Lispector. Angústia existencial.

Literatura Comparada. “A paixão segundo G.H.”

**ABSTRACT**

This article is born from our research on Clarice Lispector and his work “The passion according to G.H.” and aims to analyze its main elements and the constant presence of its unspeakable silence. In this sense, the silence of the language used in the book “The passion according to G.H.”, as a characteristic of a search for mystical understanding of the inexpressible, suggests the limitation of language itself, that is, a language that strives to cope with a experience which at first escapes its meaning. Thus, we believe that the approach of “The passion according to G.H.” takes place through the phenomenological hermeneutics, that is, exercising listening to the meaning of the work from itself, seeking to unveil what erupts in the being of Clarice Lispector. The methodology used was an analysis through theoretical research of bibliographic nature, performed through analysis of articles, magazines and books and websites specialized in the subject. The results show that Clarice Lispector can ask, through

**Keywords:**

**Clarice Lispector. Comparative Literature.  
Existential anguish. “A paixão segundo G.H.”**

## **1. Introdução**

Este artigo é parte da dissertação de mestrado intitulada “Uma análise comparativista da obra ‘A paixão segundo G.H.’, de Clarice Lispector com o conceito de angústia de Søren Kierkegaard” apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura – PPGL, da Universidade Federal do Tocantins – UFT, do campus de Araguaína.

Buscamos, com este artigo, desenvolver algumas ideias fundamentais que são desencadeadas na obra “A paixão segundo G.H.”, de Clarice Lispector e refletir sobre novas deiscências a serem realizadas a partir de sua linguagem mística, aparentemente, inacessível. “A paixão segundo G.H.” é uma obra inquietante, angustiante e, ao mesmo tempo, desvendante. Além de ser considerado um dos pontos altos da sua literatura e uma de suas obras mais difíceis.

Destarte, neste artigo temos o intento de elucidar a importância do quinto romance de Clarice Lispector, “A paixão segundo G.H.”, onde encontra-se uma incomum experiência mística: a personagem-narradora G.H., identificada até o final apenas pelas iniciais, vive uma experiência insólita, provocada por um acontecimento banal, cujo sentido último vai estar muito próximo daquilo que chamaríamos de o “indizível” e o “inefável”, que, por sua vez, confirma a opinião de que se encontra uma certa dimensão mística na sua obra.

## **2. Sobre Clarice Lispector e “A paixão segundo G.H.”**

Em 1964, ano em que “A paixão segundo G.H.” foi publicado, Clarice Lispector escreveu: “Se eu tivesse que dar um título à minha vida ela seria: à procura da própria coisa.”. Sua meta é também a de G.H. Só então, quando G.H. se livrasse da linguagem humana e da moralidade, “eu não estaria transcendendo e ficaria na própria coisa” (LISPECTOR, 1964, p. 221). “A paixão segundo G.H.” é uma obra inquietante, angustiante e, ao mesmo tempo, desvendante, como acenamos. Além de ser considerado um dos pontos altos de sua literatura e uma de suas obras mais

difíceis. Será devido à sua linguagem? Mas “este livro é como um livro qualquer”, disse Lispector, ou será difícil a compreensão por aqueles que ainda não possuem a “alma já formada”? (LISPECTOR, 2009, p. 5).

Em uma entrevista que a escritora deu em fevereiro de 1977, única vez que falou diante das câmeras, Júlio Lerner lhe perguntou qual de suas obras mais atingia o público jovem, Clarice Lispector nos deu a sua resposta:

Depende. Por exemplo, o meu livro “A paixão segundo G.H”, um professor de português do Pedro II veio até minha casa e disse que leu quatro vezes e ainda não sabe do que se trata. No dia seguinte uma jovem de 17 anos, universitária, disse que este é o livro de cabeça dela. Quer dizer, não dá para entender. (LERNER, 1992, p. 65)

A mimetização, ou seja, a expressão e apresentação do *eu* de sua alma, em G.H., por meio de uma linguagem existencial que ultrapassa o sentido corrente dos vocábulos, um traço marcante em sua obra, de sua paixão, é impactante. Candido expressa bem essa “novidade” de Clarice Lispector na literatura brasileira em manifestar a sua essência e seu ser:

Antigamente, chamavam-se de análise os romances mais ou menos psicológicos, que procuravam estudar as paixões - as famosas paixões da literatura clássica, - dissecando os estados de alma e procurando revelar o mecanismo do espírito. Hoje o nome convém a um número bem menor de obras. Os romances são mais universalistas, e as delimitações que os classificavam perderam muito como sentido e como jurisdição. Aos livros que procuram esclarecer **mais a essência do que a existência, mais o ser do que o estar**, com um tempo mais acentuadamente psicológico, talvez seja melhor chamar romances de aproximação. O seu campo ainda é a alma, são ainda as paixões. Os seus processos e a sua indiscriminação repelem, todavia, a ideia de análise. São antes uma tentativa de esclarecimento através da identificação do escritor com o problema, mais do que uma relação bilateral de sujeito-objeto. É desta maneira que Clarice Lispector procura situar o seu romance. O seu ritmo é um ritmo de procura, de penetração que permite uma tensão psicológica poucas vezes alcançada em nossa literatura contemporânea. Os vocábulos são obrigados a perder seu sentido corrente, para se amoldarem às necessidades de uma expressão sutil e tensa, de tal modo que a língua adquire o mesmo caráter dramático que o entrecho. (CANDIDO, 1977, p. 129) (grifo nosso)

Enfim, a dificuldade maior de apreender o que essa obra suscita em quem a confronta, além de sua peculiar linguagem, talvez resida no fato de exigir um pré-requisito de um *status quo* existencial/experiencial que faz com que a obra tenha sentido ou não para quem a lê. Diante disso, poderíamos supor que a busca daquela universitária está em consonância com a da Clarice Lispector, enquanto que a do professor, não. Sendo assim, uma das chaves, ao nosso ver, de apreensão dessa obra seja

justamente um fator *ôntico* e não simplesmente um fator lógico, ligado mais à essência e ao ser, do que à existência e ao estar, assim como indicou Candido.

Clarice descreve, em “A paixão segundo G.H.”, uma experiência vivida por uma mulher de uma camada relativamente elevada, que mora com elegância: “o apartamento me reflete. É no último andar, o que é considerado uma elegância. Pessoas de meu ambiente procuram morar na chamada ‘cobertura’” (LISPECTOR, 2009, p. 29). Todavia, essa mulher é apresentada apenas por suas iniciais G.H.: “o resto era o modo como pouco a pouco eu havia me transformado na pessoa que tem o meu nome. E acabei sendo o meu nome. É suficiente ver no couro de minhas valises as iniciais G.H., e eis-me” (LISPECTOR, 2009, p. 24).

A história se inicia com a sua preparação mental para começar uma arrumação do apartamento, depois que sua empregada deixou de trabalhar ali: “levantei-me enfim da mesa do café, essa mulher. Não ter naquele dia nenhuma empregada iria me dar o tipo de atividade que eu queria: o de arrumar. (...) Ordenando as coisas, eu crio e entendo ao mesmo tempo” (LISPECTOR, 2009, p. 32).

Assim, vai iniciar justamente pelo quarto da empregada, onde G.H. vai descobrir um mundo distinto do seu: “Eu ia me defrontar em mim com um grau de vida tão primeiro que estava próximo do inanimado” (LISPECTOR, 2009, p. 22). Ela se espanta com a arrumação do quarto que pensava desarrumado: “Há cerca de seis meses - o tempo que aquela empregada ficara comigo - eu não entrava ali, e meu espanto vinha de deparar com um quarto inteiramente limpo” (LISPECTOR, 2009, p. 36). Lá ela encontrou um desenho a carvão feito na parede caiada, “estava quase em tamanho natural o contorno a carvão de um homem nu, de uma mulher nua, e de um cão que era mais nu do que um cão” (LISPECTOR, 2009, p. 38), e com uma barata: “olhei o quarto com desconfiança. Havia a barata, então” (LISPECTOR, 2009, p. 47). A partir desta experiência das coisas inusitadas que encontra, ela passa a refletir sobre si, sobre a existência e sobre “O Deus”. Já com relação à linguagem utilizada no livro, dirá Gross:

A linguagem utilizada no texto é bastante figurativa, cheia de símbolos, e a composição se parece com a narração de um sonho. Tudo é narrado pela própria G.H., que conta o ocorrido no dia anterior. Não se trata de um texto linear, mas de uma narrativa que faz o tempo parar. O evento contado se passa em algumas poucas horas. O estilo mescla a narrativa com reflexões, imagens e símbolos que remetem a significados aparentemente herméticos. (GROSS, 2005, p. 4)

Adiante, a experiência que é contada parece ter produzido uma mudança na existência da personagem narradora ao se deparar com seu nada e o nada: “aquele quarto que estava deserto e por isso primariamente vivo. Eu chegara ao nada, e o nada era vivo e úmido” (LISPECTOR, 2009, p. 60). Ao menos foi uma experiência particularmente significativa para ela, de modo que se percebe uma ruptura entre o modo de ser anterior e o posterior ao fato. Apesar de se tratar de uma tal experiência significativa, a narração que está ambientada no dia seguinte ao evento deixa transparecer que G.H. ainda não consegue expressar o que viveu de maneira totalmente clara, o que é comum em experiências de epifania:

Vê, meu amor, vê como por medo já estou organizando, vê como ainda não consigo mexer nesses elementos primários do laboratório sem logo querer organizar a esperança. É que por enquanto a metamorfose de mim em mim mesma não faz nenhum sentido. É uma metamorfose em que perco tudo o que eu tinha, e o que eu tinha era eu - só tenho o que sou. E agora o que sou? Sou: estar de pé diante de um susto. Sou: o que vi. Não entendo e tenho medo de entender, o material do mundo me assusta, com os seus planetas e baratas. (LISPECTOR, 2009, p. 66)

Assim, a passagem anterior mostra a força do acontecido, que por sua vez, representa um evento profundo, um ponto gerador de sentido. Deste modo, o texto apresenta um fato aparentemente banal que revela uma profundidade existencial que tange o mistério divino, com processos de epifania ou revelação, levando a personagem a um autoconhecimento e à lucidez, a uma abertura de consciência. Dirá Benedito Nunes<sup>329</sup> (2009, p. 228): “a trajetória mística de G.H. passa pela *via crucis* da linguagem, pelo gozoso padecimento de ter que buscar a forma para expressar o neutro, o cru, o não humano, e existência, o ser”.

Sendo assim, com toda a sua força heroica e de ruptura, Clarice Lispector, num mergulho interior do narrador-personagem não conta propriamente uma história. G.H. busca, em si mesma, pela introspecção radical, sua identidade e as razões de viver, sentir e amar. A obra nem começa, nem termina: ela continua: “(...) estou procurando, estou procurando” e “E então adoro. (...)” (LISPECTOR, 2009, p. 9 e p. 179, respectivamente).

Com outras palavras, o romance foge ao padrão convencional ao tratar dos problemas do *ser* consigo mesmo e com o mundo, resultando

---

<sup>329</sup> Benedito José Viana da Costa Nunes (Belém, 21 de novembro de 1929 – Belém, 27 de fevereiro de 2011) foi um filósofo, professor, crítico literário e escritor brasileiro.

daí o chamado romance introspectivo. Pois trata-se do único romance em primeira pessoa de Clarice Lispector. Os pensamentos são transcritos conforme eles surgem à cabeça da personagem, como uma enxurrada de fluxo de consciência. Assim, a literatura introspectiva e intimista de Lispector fixa-se na crise do próprio indivíduo. Com isso, tal forma de narrar é um convite para que o leitor se atire nessa atmosfera que busca, acima de tudo, a compreensão, não apenas de si mesmo, mas também a do próprio ser humano.

Neste sentido acreditamos que a abordagem de “A paixão segundo G. H.” se dá pela via da hermenêutica fenomenológica, ou seja, exercitando a escuta do sentido da obra a partir dela mesma, buscando desvelar o que irrompe no ser. Como bem afirma Hans George Gadamer<sup>330</sup>:

Aquele que quer compreender não pode se entregar de antemão ao arbítrio de suas próprias opiniões prévias, ignorando a opinião do texto da maneira mais obstinada e conseqüente possível [...]. Em princípio, quem quer compreender um texto deve estar disposto a deixar que este lhe diga alguma coisa. (GADAMER, 2014, p. 358)

Dando continuidade à entrevista a Júlio Lerner, que citamos, mais uma vez ele perguntou se a incompreensão, que ocorreu em “A paixão segundo G.H.”, se estende a outros de seus trabalhos, ela respondeu:

Também. Ou toca ou não toca. Quer dizer, suponho que entender não é uma questão de inteligência e sim de sentir, de entrar em contato. Tanto que o professor de português e literatura, que deveria ser o mais apto a me entender, não me entendia e a moça de dezessete anos lia e relia o livro. Parece que eu ganho na releitura, o que é um alívio. (LERNER, 1992, p. 66)

De fato, acreditamos que sentir é uma prerrogativa ou chave de leitura para termos acesso à mensagem de G.H. Isso quer dizer que se requer uma sensibilidade humana que seja capaz de se conectar com a força que suscitou a escrita da obra, a paixão. Segundo Benedito Nunes:

Usaria acrescentar a essa provocante reflexão do grande crítico-escritor que a paixão pode ser igualmente *força de escrita*. E não há melhor exemplo disso do que A paixão segundo G.H., de Clarice Lispector, texto singular e incomparável, que constitui um capítulo inédito da histó-

---

<sup>330</sup> Hans-Georg Gadamer (Marburgo, 11 de fevereiro de 1900 – Heidelberg, 13 de março de 2002) foi um filósofo alemão considerado como um dos maiores expoentes da hermenêutica. Sua obra de maior impacto foi “Verdade e Método” (Wahrheit und Methode), de 1960, onde elabora uma filosofia propriamente hermenêutica, que trata da natureza do fenômeno da compreensão.

ria patética do romance. Passional e apaixonante, esse texto de nossa autora mergulha em veios arqueológicos, em camadas efetivas culturalmente soterradas da sensibilidade humana. (NUNES, 2009, p. 217, grifo do autor)

Neste sentido, vemos que a palavra paixão deve ser elucidada. O curso histórico dessa palavra atesta a perda da riqueza cumulativa dos significados distintos e correlatos que se formaram no termo grego *πάθος*, *páthos*, que por sua vez veio da palavra, também grega, *πάσχειν*, *paschein*, que literalmente quer dizer sofrer ou emocionar-se. De acordo com Abbagnano (2000, p. 739-40) *páthos* pode também significar: excesso, catástrofe, passagem, passividade, sofrimento, sentimento e doença. Do ponto de vista filosófico a paixão pode significar tudo o que se faz ou acontece de novo; ela não é boa nem má.

Nessa perspectiva, não existe paixão senão na mobilidade e na imperfeição. Pois sua forma exprime que um sujeito pôs em um único conteúdo todo o interesse vivo de seu espírito, de seu talento, de seu caráter, de seu prazer, de seu ser. Podemos acrescentar também de sua alegria: “A mim, por exemplo, a personagem G.H. foi dando pouco a pouco uma alegria difícil; mas chama-se alegria” (LISPECTOR, 2009, p. 5).

Ainda de acordo com Benedito Nunes (2009, p. 222), as obras de Clarice Lispector, de modo especial “A paixão segundo G.H.”, revelam mais uma escrita da paixão, do que uma paixão pela escrita: “Nela, a primeira marca do *páthos* encontra-se na recorrência de certos sentimentos fortes – cólera, ira, raiva, ódio, nojo, náusea, alternando-se com o amor e a alegria –, verdadeiros núcleos que motivam a história narrativa”.

Sendo assim, fica evidente de que as obras ficcionais de Clarice Lispector, do ponto de vista histórico-literário, pertencem ao arquétipo da narração moderna, uma vez que, concentram-se sobre a experiência interior da escritora. Destarte, “estamos diante de uma ficção que pensa, de uma ficção indagadora, reflexiva, a que não falta, como em toda grande literatura, um intuito de conhecimento. [...] O romance é uma descida ao subsolo ancestral dos sentimentos e paixões” (NUNES, 2009, p. 222).

Enfim, as paixões em G.H. se culminam em uma vera *via crucis* do amor que leva ao sofrimento, o que por sua vez, porta ao padecimento, e a dor que leva à alegria e retorna ao amor. Ao perder a sua identidade pessoal, ao ser despida do eu, G.H., desvela a sua verdade, o puro fato de simplesmente existir como fonte da paixão:

Só então minha natureza é aceita, aceita com o seu suplício espantado, onde a dor não é alguma coisa que nos acontece, mas o que somos. E é aceita a nossa condição como a única possível, já que ela é o que existe, e não outra. E já que vivê-la é a nossa paixão. A condição humana é a paixão de Cristo. (LISPECTOR, 2009, p. 175)

Todavia, o que ela quis significar ao dizer que a condição humana é a paixão? E mais especificamente, paixão de Cristo? Talvez estejamos aqui tocando no limiar de três realidades distintas, mas interligadas: a material, a psíquica e a metafísica. Neste sentido, acreditamos que a linguagem utilizada por Lispector, em “A paixão segundo G.H.” seja embrenhada mais da segunda e de terceira realidade.

### 3. “A paixão segundo G.H.” à luz de uma linguagem mística

A palavra “místico” deriva do latim *mysticus*, derivada do grego antigo *μυστικός*, *mystikós*, que indica o que é relativo aos mistérios próprios dos cultos iniciativos das religiões dos mistérios, na Grécia antiga; tais cultos de mistério se chamavam *ὄργια*, orgia. Esta, por sua vez, consistia em uma cerimônia coletiva caracterizada por comportamentos excessivos e desenfreados, com base em elementos não necessariamente relacionados à esfera sexual, como fatores como o esoterismo e a espiritualidade<sup>331</sup>. Todavia, o significado em português que para nós interessa é este: o místico é aquele que, mediante a contemplação espiritual, procura atingir o estado extático de união direta com a divindade.

Com outras palavras, e de acordo com Lewis (1983, p. 16): “O místico é aquele que aspira a uma união pessoal ou a unidade com o Absoluto, que ele pode chamar de Deus, Cósmico, Mente Universal, Ser Supremo etc.”

De acordo com Oliveira, a importância do quinto romance de Clarice Lispector, “A paixão segundo G.H.”, encontra-se nesta incomum experiência mística:

A personagem-narradora G.H., identificada até o final apenas pelas iniciais, vive uma experiência insólita, provocada por um acontecimento banal, cujo sentido último vai estar muito próximo daquilo que chamaremos de o “indizível” e o “inefável”. Esmagando uma barata na porta do

---

<sup>331</sup> Para evitarmos um reducionismo sobre a importância autêntica desses ritos dentro de seu contexto histórico específico, sugerimos: DETIENNE, Marcel. *A escrita de Orfeu*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.



guarda-roupa, o confronto com o inseto que agoniza marca um momento decisivo de ruptura na vida de G.H. A partir desse momento o cotidiano da personagem-narradora se desestabiliza e se desorganiza até atingir um desmoronamento completo. Fascinada e, ao mesmo tempo, nauseada, nesse instante de confronto se inicia uma metamorfose interior que vai absorver G.H., mergulhando-a num êxtase selvagem. (OLIVEIRA, 1989, p. 52)

Para Benedito Nunes (2009, p. 226) a personagem-narradora G.H. “passa por vários estados contraditórios – o sofrimento gozoso, o ‘horrível mal-estar feliz’, o abrasamento consolador, a repulsa e a atração da união mística”. Todavia, ele salienta asseverando que a experiência de G.H, sendo mais pagã do que cristã, espelha o caráter orgástico de um misticismo deveras “primitivo”.

Eu entrara na orgia do sabá. Agora sei o que se faz no escuro das montanhas em noites de orgia. Eu sei! sei com horror: gozam-se as coisas. Frui-se a coisa de que são feitas as coisas - esta é a alegria crua da magia negra. Foi desse neutro que vivi – o neutro era o meu verdadeiro caldo de cultura. Eu ia avançando, e sentia a alegria do inferno. (LISPECTOR, 2009, p. 101)

Neste mesmo sentido, inclusive Olga Borelli, que conviveu intencionalmente, não só com a própria Clarice Lispector – sendo sua secretária e amiga por vários anos – mas também com os textos da escritora, organizando-os e publicando-os como póstumo, confirma a opinião de que se encontra uma certa dimensão mística na sua obra:

Sem qualquer vinculação explícita, dava a impressão de sempre se achar em estado de questionamento: Deus, morte, matéria, espírito, eram objeto de interrogação, de perplexidade, que nem em conversas ela deixava de expressar. [...] É impossível chegar a uma definição de suas crenças religiosas, pois as tinha. O que fica é o nítido traçado de seu itinerário espiritual, cujo melhor testemunho é o seu próprio texto. (BORELLI, 1981, p. 18)

Sperber (2012, p. 231) dirá, todavia, que “Clarice Lispector é judaica que não revela em sua obra seu judaísmo” e que seu sincretismo judeu-cristão não viria apenas de sua história pessoal, mas também refletia os ventos de seu tempo presente. No entanto, Benjamin Moser, também judeu, identificou nos escritos de Lispector arquétipos místicos judaicos e de modo peculiar em “A paixão segundo G.H.”:

A busca de Clarice por se identificar com o mundo inumano “do Deus” atingiu seu clímax quando G.H. colocou a barata na boca. O momento não era apenas o clímax de um grande romance. Era o clímax de uma procura espiritual e artística que Clarice vinha empreendendo havia pelo menos duas décadas [...]. Quando a barata toca a língua de G.H., o

Neste sentido, o silêncio da linguagem empregada no livro “A paixão segundo G.H”, como característica de uma busca de compreensão mística do inexprimível, dá a entender sobre a limitação da própria linguagem, ou seja, uma linguagem que esforça para dar conta de uma experiência que lhe escapa, a princípio, do sentido. Sendo assim, de acordo com Oliveira e Nolasco (2010, p. 105), G.H. tenta reproduzir, após comer o interior branco da barata, “a experiência da conquista do que é originário”, que porta – por sua vez – ao “sacrifício da identidade para ir em busca do indizível”.

A realidade é a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la – e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço. A linguagem é o meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas – volto com o indizível. O indizível só me poderá ser dado através do fracasso de minha linguagem. Só quando falha a construção, é que obtenho o que ela não conseguiu. (LISPECTOR, 2009, p. 176)

Neste sentido, de acordo com Benedito Nunes (1976), a moderna filosofia da linguagem acrescenta um aspecto, *οντολογικός*, ontológico, ao jogo da linguagem do silêncio, pois, por meio da imaginação, a experiência imediata das coisas dá acesso a novas possibilidades do ser, engendrando assim possíveis modos de ser que não coincidem com nenhum aspecto determinado da realidade ou da existência humana. Talvez seja justamente por isso que a escrita de Clarice Lispector seja tão imbuída de um aparente *nonsense*. É um peculiar, *φαινόμενο*, fenômeno, ou seja, o que é visto, o que surge diante dos olhos de Lispector naquele singelo quarto da empregada.

Se o objeto de A paixão segundo G.H. é, como vimos uma experiência não objetiva, se a romancista recriou imaginariamente a visão mística do encontro da consciência com a realidade última, o romance dessa visão terá que ser, num certo sentido, obscuro. A linguagem de Clarice, porém, não é nada obscura. Obscura é a experiência do que ela trata. Sob esse aspecto, que analisaremos oportunamente, a atitude de G.H. abdicando do entendimento claro para ir ao encontro do que é impossível compreender, lança a linguagem numa espécie de jogo decisivo com a realidade, que mais reforça o sentido místico do romance de Clarice. (NUNES, 1976, p. 111)

Desse modo, a ambiguidade da linguagem verbal decorre da própria dialética da existência humana, no ato de vir-a-ser-a-si-mesmo. É justamente isso, para Benedito Nunes, o que ocorre no romance de Clarice Lispector. Vejamos:

A inquietação que neles tortura os indivíduos é o desejo de ser, completa e autenticamente – o desejo de superar a aparência, conquistando algo assim como um estado definitivo, realização das possibilidades em nós latentes. Aspiração contraditória! Realizar essas possibilidades é dar-lhes forma e, conseqüentemente, expressá-las. Não nos contentamos em viver; precisamos saber o que somos, necessitamos compreendê-la e dizer mesmo em silêncio, para nós mesmos aquilo em que nos vamos tornando. [...] O ser que conquistamos não é, pois, aquele para o qual o nosso desejo tende, mas aquele que a expressão capta e constrói, e que é, de qualquer modo, uma realidade provisória, mutável, substituível, que oferecemos aos outros e a nós mesmos. Daí a relativa falência da expressão, afetando a comunicação entre os homens. (NUNES, 1976, p. 132-3)

Assim Benedito Nunes (1976, p. 139) resume o sentido existencial da criação literária de Clarice Lispector: “É preciso falar daquilo que nos obriga ao silêncio”. O fato de Clarice escrever apenas quando sentia uma necessidade ôntica, evidencia o caráter redentor, o resgate de sentido por meio da busca de dar voz ao seu inaudível **silêncio**, palavra esta que se repete, curiosamente, cinquenta vezes ao longo da sua obra.

Mas – como era antes o meu silêncio, é o que não sei e nunca soube. Às vezes, olhando um instantâneo tirado na praia ou numa festa, percebia com leve apreensão irônica o que aquele rosto sorridente e escurecido me revelava: um silêncio. Um silêncio e um destino que me escapavam, eu, fragmento hieroglífico de um império morto ou vivo. Ao olhar o retrato eu via o mistério. [...] A surpresa me tomava de leve, só agora estou sabendo que era uma surpresa o que me tomava: é que nos olhos sorridentes havia um silêncio como só vi em lagos, e como só ouvi no silêncio mesmo. Nunca, então, havia eu de pensar que um dia iria de encontro a este silêncio. Ao estilhamento do silêncio. (LISPECTOR, 2009, p. 23)

Clarice Lispector tinha que escrever sobre o seu silêncio e a sua experiência. Oliveira e Nolasco (2010, p. 107) dirão que “a personagem G.H. propõe criar sobre a realidade, criar a ‘verdade’ do que lhe aconteceu, como uma reprodução dos sentimentos vividos”. Todavia, como acentamos, essa reprodução está fadada ao fracasso. Mas em qual sentido? No sentido de que a linguagem, ou qualquer que seja ela – visual, sonora, tátil, etc. – não é capaz de traduzir totalmente a experiência/mística vivenciada. O que resta é senão a possibilidade de criar o que se viveu.

Vou criar o que me aconteceu. Só porque viver não é relatável. Viver não é vivível. Terei que criar sobre a vida. E sem mentir. Criar sim, mentir não. Criar não é imaginação, é correr o grande risco de se ter a realidade. Entender é uma criação, meu único modo. Precisarei com esforço traduzir sinais de telégrafo – traduzir o desconhecido para uma língua que desconheço, e sem sequer entender para que valem os sinais. Falarei nessa linguagem sonâmbula que se eu estivesse acordada não seria linguagem. Até criar a verdade do que me aconteceu. (LISPECTOR, 2009, p. 19)

Retomemos ao cume da experiência mística de Clarice Lispector quando esta comunga o asqueroso interior branco da barata. Oliveira (1989, p. 53) dirá que “a personagem G.H. procurará completar o estado de união total com a realidade mais originária e fundamental, através da manducação da barata - paródia grotesca da comunhão cristã - cujo fim seria consumir o sacrifício do Eu”. A personagem-narradora entra em êxtase, na experiência mística da transcendência. “Como uma transcendência. Transcendência, que é a lembrança do passado ou do presente ou do futuro (LISPECTOR, 2009, p. 166). Coisa esta que lhe causou alegria e nojo. A única coisa que lhe sobrou foram as fortes lembranças de um espanto, de um horror de sua comunhão.

Crispei minhas unhas na parede: eu sentia agora o nojento na minha boca, e então comecei a cuspir, a cuspir furiosamente aquele gosto de coisa alguma, gosto de um nada que, no entanto, me parecia quase adocicado como o de certas pétalas de flor, gosto de mim mesma – eu cuspi a mim mesma, sem chegar jamais ao ponto de sentir que enfim tivesse cuspido minha alma toda. (LISPECTOR, 2009, p. 166-167)

Em seguida, depois de sua nauseante e indizível experiência, G.H. regressa à normalidade do cotidiano, retomando ao seu lugar no mundo humano, com a sua organização e segurança:

E, como quem volta de uma viagem, voltei a me sentar quieta na cama. Eu que pensara que a maior prova de transmutação de mim em mim mesma seria botar na boca a massa branca da barata. E que assim me aproximaria do... divino? do que é real? O divino para mim é o real. (LISPECTOR, 2009, p. 167)

De fato, comer o interior neutro e nojento da barata foi uma surpresa até mesmo para a autora. Clarice ficou aterrorizada com sua própria criação, conforme relatou mais tarde. “Fugiu ao controle quando eu percebi que a mulher G.H. ia ter que comer o interior da barata. Me estremei de susto” (LISPECTOR, 2005, p. 156).

Enfim, talvez o verdadeiro susto tenha sido o grande momento de encontro com a realidade última de G.H. com “a coisa”. No fim do livro, como acenamos, G.H. relembra essa revelação ontológica em que o seu “eu” foi transportado ao ilimitado “Tudo”: “Enfim, enfim quebrara-se realmente o meu invólucro, e sem limite eu era. Por não ser, eu era. O que não sou eu, eu sou. Tudo estará em mim se eu não for; pois ‘eu’ é apenas um dos espasmos instantâneos do mundo” (LISPECTOR, 2009, p. 178). Esta experiência mística situa-se para além do que a linguagem humana pode exprimir: “Pois como poderia eu dizer sem que a palavra mentisse por mim? como poderei dizer senão timidamente assim: a vida se me é.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

A vida se me é, e eu não entendo o que digo. E então adoro. -----” (LISPECTOR, 2009, p. 179).

Mas quem ela adora? Talvez naquele momento não estivesse totalmente claro para ela o seu momento epifânico e seus desdobramentos em sua existência individual. Quiçá nos revele ainda de seu túmulo os mistérios de sua paixão e os paradoxos de sua linguagem? Certo é que em outubro de 1977, dois meses antes de sua morte, Clarice Lispector enviou um exemplar de “A hora da estrela” para o escritor Alceu Amoroso Lima, cujo pseudônimo era Tristão de Athayde (1978), nele havia escrito com sua caligrafia: “Eu sei que Deus existe” (ATHAYDE, 1978, s/p).

Dessa forma, Clarice Lispector nos brinda com uma obra especial, rizomática, polissêmica, espiritual, filosófica e enigmática. Mas acima de tudo, nos transmite, não obstante os limites da linguagem, sua experiência única. Sua maior riqueza que, felizmente, chegou até nós.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 4. ed. São Paulo: Martins fontes, 2000.

BORELLI, Olga. *Clarice Lispector – Esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

CANDIDO, Antonio. No raiar de Clarice Lispector. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1977. p. 124-131.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GROSS, Eduardo. “A paixão segundo G. H.”, de Clarice Lispector em diálogo com o pensamento de Paul Tillich. In: *Revista Eletrônica Correlatio*, São Paulo, V. 4, n. 8, p. 3-20, out. 2005.

LERNER, Julio. A última entrevista de Clarice Lispector. In: *Shalom*, p. 62-69, jun./ago. 1992.

LEWIS, Ralph Maxwell. *Alquimia mental*. Rio de Janeiro: Rosacruz, 1983.

LISPECTOR, Clarice. *A legião estrangeira*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

\_\_\_\_\_. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

LISPECTOR, Clarice; MONTERO, Teresa; MANZO, Lícia. *Outros escritos.* Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

MOSER, Benjamin. *Clarice, uma biografia.* São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

NUNES, Benedito. *A chave do poético.* São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. *O dorso do tigre.* São Paulo: Perspectiva, 1976.

OLIVEIRA, Luiza de; NOLASCO, Edgar César. O silêncio da linguagem em *A paixão segundo G.H.* In: *Revista de Estudos Literários da UEMS-REVELL*, Mato Grosso do Sul, V. 1, n. 1, p. 104-13, 2010.

OLIVEIRA, Maria Elisa de. Considerações a respeito do existencialismo na obra de Clarice Lispector. *Trans/Form/Ação*, Marília, V. 12, p. 47-56, jan. 1989. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/trans/v12/v12a04.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

SPERBER, Suzi Frankl. Clarice Lispector e sua origem judaica. In: CUNHA, Betina Ribeiro Rodrigues da (Org.). *Clarice: olhares oblíquos, retratos plurais.* Uberlândia: EDUFU, 2012. p. 231-51